

22/09/2016 - 05:00

Sem destino

Por **José Roberto Campos**

O Brasil terá ainda maiores desafios no comércio global com a remodelação econômica da China, a segunda maior economia do mundo. Os chineses subiram na escala de valor da produção, estão "exportando" sua primazia na produção de bens intensivos em mão de obra para países agora mais competitivos da Ásia e internalizando a fabricação de itens de maior valor agregado. Isto quer dizer que o Brasil seguirá enfrentando muitos obstáculos para vender bens tradicionais e também para avançar nas exportações dos bens de média para alta tecnologia - que a China passará a importar menos. A

exceção e o nicho do Brasil continuarão sendo commodities agrícolas.

A China é o maior importador e exportador do planeta, comprando basicamente bens intermediários (70% das importações) e vendendo produtos finais (60% das exportações totais). A guinada rumo ao mercado doméstico e ao consumo refaz, segundo recente estudo do FMI, o caminho de outras economias que atingiram nível parecido de renda, como Japão e Coreia do Sul: transferência de indústrias de ciclo curto, menor complexidade tecnológica e intensivas em mão de obra para países com salários mais baixos.

Os herdeiros da maior fatia chinesa das exportações intensivas em trabalho - 30% de um mercado que engloba têxteis, calçados, brinquedos, móveis - são países que pagam menos, como Vietnã, Laos, Camboja e Mianmar. Esse deslocamento deixa em desvantagem os exportadores brasileiros desses produtos, já deslocados de vários mercados no mundo e, em alguns casos, do seu mercado doméstico, pela própria China.

O maior mercado de importações do mundo estará ávido nos próximos anos por bens de consumo

Os produtos "made in China" estão mudando. A expressão sempre foi meia verdade - pelo menos 50% dos insumos usados nas exportações do país eram importados. Recentemente, porém, ao mesmo tempo em que a China ascendeu na cadeia de produção com produtos de maior tecnologia e valor agregado, passou a fabricar esses bens domesticamente em outra escala. Como consequência, o conteúdo que vem de fora incorporado nos produtos chineses vendidos ao mundo caiu para 30%.

O crescimento recente chinês foi particularmente veloz nos setores de bens "intensivos em conhecimento" - eletrônicos, químicos, máquinas e equipamentos elétricos, óticos e de transporte. "Esses setores agora perfazem dois terços do valor adicionado total na China", mostra o estudo. A nacionalização da produção de bens sofisticados não só a rouba mercado de outros emergentes, como o Brasil, mas também diretamente dos países desenvolvidos.

Mesmo mudando de padrão tecnológico, a China ainda lidera em exportações de bens intensivos em trabalho, posição de destaque que detém por muito mais tempo do que a dos demais países que passaram por este caminho. "Sucesso na exportação de setores como vestuário, por exemplo, tem vida curta", diz o estudo. "Declínios na fatia de mercado aparecem em menos de uma década e são agudos. Em 15 anos, a Coreia abandonou a produção de vestuário quase completamente". Empresários chineses já começam a produzir os mesmos bens na Ásia em locais mais baratos, depois que os salários da mão de obra local privada subiram 15% ao ano na última década e são hoje o dobro dos pagos no Laos, Vietnã e Camboja.

A mudança do motor que impulsiona a economia chinesa - do investimento para o consumo - tem profundas implicações no comércio global e na pauta exportadora de seus parceiros comerciais. Um exame da matriz insumo-produto chinesa

revela que o consumo possui em geral uma intensidade de importação que é a metade daquela do investimento. Um rebalanceamento em direção ao consumo implica então nível geral menor de importações, pelo menos durante o período de transição".

É previsível que, no longo prazo, a intensidade de importação com o avanço do consumo também cresça. Perderá vendas quem exportava para o país bens ligados a investimentos, da mesma forma que a nacionalização da produção de insumos sofisticados diminui essa demanda.

O maior mercado de importações do mundo estará ávido nos próximos anos, na verdade, por bens de consumo, assim como esteve por commodities industriais por duas décadas. Nesse setor a China hoje importa basicamente veículos. Japão, Coreia do Sul e alguns vizinhos asiáticos estão bem posicionados para atender a demanda futura.

E o Brasil? Estacionado no ranking mundial de exportação há décadas, perde cada vez mais espaço em mercadorias industriais tradicionais e está sendo ultrapassado nos bens intensivos em capital e tecnologia. Com economia fechada, pouca participação nas cadeias globais de produção e produtividade declinante, o destino não parece lhe reservar um futuro promissor. Até agora, o país foi incapaz de definir um rumo - e quem não sabe para aonde vai, fica para trás.

José Roberto Campos é editor executivo do Valor